

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO.—Folhas velhas.—O mosteiro de S. Bento.—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin.—Bellas-Artes.—Curiosidades dos tempos antigos e modernos (O pharol d'Edistone).—Amor e fatalidade.—Revista de teatros.—Poesias.—O círculo

Folhas velhas.

I.

O MOSTEIRO DE S. BENTO.

As instituições monásticas, que constituíam um elemento social na metrópole portuguesa, derramaram-se naturalmente na colónia americana. Entre elas veio estabelecer-se a ordem beneditina.

Em 1587 aportaram ao Rio de Janeiro vindos da Bahia os padres Ferraz e João Porcalho. Eram os elementos de uma futura ordem que tinha de se levantar sobre todas as outras em importância e opulência. Foram recebidos e alojados na capela de N. S. do O, situada então no local em que hoje está a capella imperial.

Por doação de Manoel de Brito e sua mulher, entraram os frades bentos na posse da terra compreendida no morro que mais tarde tomou o nome de mosteiro e de ordem. Existia o local, cumpria edificar. Em Maio de 1589 deu-se começo à construção, foi lançada a primeira pedra. Em procissão foram os monges ao local; era modesto o sequito, mas nem por isso frio de piedade e de fervor; conservava ainda os vicos das instituições primitivas q. e tinham por vida a caridade e por alvo o infinito, Deus.

Todas as Romas, ou definidas no colosso antigo, ou nas instituições monacais começam sempre assim. A beira do mar, como á beira do Tibre, levantou-se com os poucos elementos existentes o claustro beneditino, hoje uma verdadeira pagina histórica. Aquelle que o visita parece encontrar lá as mesmas sensações que penetra o espírito diante da cidade dos cea-

res. Unicamente cá, não há a indignação da posteridade, mas a compuncão fervorosa do Christão.

O mosteiro de S. Bento está colocado em uma das elevações da cidade. Gosa-se d'ali as mais bellas perspectivas — quer do lado da cidade, quer do lado do mar.

Como todas as construções portuguesas, o edifício não apresenta nenhuma escola arquitectural. É uma fusão de linhas por vezes extravagante, sem definição nem harmonia. As flexões piramidais, e a fachada despida de ornamento, parecem conservar a simplicidade jesuítica com a severidade das fórmulas egypciacas.

As portas são pesadas e de madeira esculpida. Ao atravessar-lhes a soleira parece que o espírito se despe das gádas profanas; mas a não ser a onde da luz que vasa sobre as naves do templo uma larga claraboia rasgada pela reforma de 1842 ou 1843, o sentimento religioso seria mais profundo, mais severo, e mais christão.

Ainda mais. Os ornatos que avultam por toda a igreja, nas columnas, nos arcos, não têm o cunho severamente simples que de algum modo definem o culto da nossa igreja. O espírito ferido ao princípio pelo interior pesado e monacal, acaba por habituar-se aquelles formas, e deixando talvez o recolhimento preciso para derramar-se nas phantasias da analyse. É um povo de reis, um grupo de papas, uma galeria de factos, que estão salpicados por toda a parte como que chamando a atenção dos espíritos mais devotos. Reforça mais este facto o mosaico que substitui o granito do ladrilho que existia então.

Foi o abade Luciano do Pilar quem presidiu, como iniciativa imediata, à construção da capella do Santíssimo Sacramento, perfeito recinto, onde a harmonia das formas, se casa à luz tremula de uma lampada. A sacristia, porém, é um contraste, com o seu ladrilho em mosaico, com seus espelhos e molduras. Largos armários encerram os vasos, e os paramentos. O altar-mór dessa sacristia assim como a credencia de marmore preto são duas peças magníficas.

A decoração do templo, acanthos e figuras que se alargam vê-se ainda reproduzida como ca-

racter hybrido no côro da igreja. Os adornos estão por toda a parte.

De granito e formando um perystilo quadrangular, é o claustro do mosteiro. Como em todos os claustros, há o sombrio e o silêncio respirados por uma atmosfera de tumulos.

Os monges beneditinos falecidos durante a vida da instituição desde a construção do mosteiro, lá dormem debaixo das arcadas ríjas e pesadas.

Um dos prelados que mais fez para a construção actual do mosteiro foi o padre frei Antonio da Trindade, que presidiu às reformas dos estragos causados pela invasão dos franceses.

Todo o interior do mosteiro está de acordo com as formas largas deste monumento: locutorio, biblioteca, refeitório.

Ha ainda peças que constituem a enfermaria e o aposento dos escravos. Está aqui a chaga da instituição, o suicídio dos principios de piedade e amor christão que prendeu ao seu desenvolvimento, como ao de todos. E' por aqui que a condenam; mas eu nada mais faço que esboçar as formas architecturais do mosteiro; não trarei no exame do espírito da ordem.

O mosteiro de S. Bento é uma página histórica, e um dos livros de pedra de que se compõe a biblioteca do passado. A posteridade não encontrará nas linhas e no acanho uma frase para estudo: todos os adornos são mudos como tumulos; mas poderá contemplar naquela massa de tres séculos, a obra constante e progressiva de um grupo de homens, que fizeram vila no desenvolvimento e engrandecer do sanctuário de seu culto, como o fizera uma raça de ferro para a elevação de Roma.

Não é fóra de termo a applicação.

Gil.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN.

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

VI.

O ESPELHO DA SRA. DU-BARRY.

(Continuado do n. antecedente.)

O marquez, apesar de sua invencível repugnância á obediência, não quiz contrariar a vontade do rei, e dirigiu-se para casa da favorita.

— Oh! meu caro marquez, meu caro marquez, exclamou ella logo que elle chegou, indo-lhe ao encontro e saltando como uma criança sem dar-lhe tempo de proferir a menor palavra. Não podia chegar em melhor ocasião: estou hoje contentíssima e julgo-me e estou mais feliz

do mundo! Ora, veja como o dia amanheceu sorrindo. Em primeiro lugar, Rotiers mandou-me o meu espelho... Veio sein duvida ver esse primor d'arte? Mas, tenha paciencia: espere até que o rei chegue.... Depois, como uma felicidade anda ás vezes acompanhada de outra, chegou-me também a lindíssima carruagem, aquella de que já teve noticia, com que mimoseou-me o Sr. D'Aiguillon.

— Sei, aquelle maganão de quem se falla por toda parte. Também já era tempo de cumprir a promessa.

— Oh! eu sei quanto se falla, e mesmo o que se diz...

— Neste caso deve saber muita coisa.

— Pouco mais ou menos.... até já me chegaram ás mãos os ultimos versos que me fizeram por abi algures. Mas, não nos incomodemos com isso, meu caro Sr. de Chauvelin, e vamos ver a carruagem.

E a condessa olvidando que já não era Joana Vaubernier, cantarolando, foi desceendo de dois em dois os degraus da escada que ia ter ao pateo.

Logo que o Sr. de Chauvelin ali chegou também:

— Veja, marquez, lhe disse ella, se não é rica de mais para uma carruagem de lavadeira, como me chamam.

O marquez ficou estupefacto; nunca tinha admirado outra mais elegante, nem com tanta magnificencia. O custo daquella carruagem tinha sido de cincoenta e seis mil libras.

— O rei já viu este soberbo presente, Sra. condessa? perguntou o marquez.

— Ainda não, mas estou certa de uma coisa.

— De que? Vamos.

— E' que ficara deslumbrado, vendendo-a.

— Ora! ora!

— Como—ora!?

— Sim, duvido.

— Dúvida seriamente?

— E sou capaz de apostar que não lhe dará licença para aceitá-la.

— E porque motivo?

— Porque não poderia servir-se della.

— Na verdade, respondeu ella com ironia, o Sr. marquez admira-se de muito pouco.

— Talvez.

— Então d'aqui a pouco lhe mostrarei uma outra cousa, o espelho de ouro; e isto? acrescentou ella, tirando do seio um papel: mas olhe, isto não lhe hei de eu mostrar.

— Como fôr de seu gosto, condessa, disse o marquez inclinando-se.

— Marquez, depois desse velho macaco chamado Richelieu, é o senhor o amigo mais antigo do rei; como tal conhece-o bem e é por ele ouvido com atenção: poderia por consequinte ajudar-me se quizesse, e então... Mas, voltemos antes para o meu gabinete.

— Estou todo ás suas ordens, condessa.

— Parece incomodado hoje, marquez que tem?

— Sinto-me triste, condessa.

— Sim! tanto peior.

E a Sra. Du-Barry, servindo de guia ao marquez, subiu com passo mais grave aquellas escadas que inda a pouco havia descido travessamente e cantarolando. Entrou no seu gabinete, acompanhada sempre do Sr. de Chauvelin, para quem, logo depois de haver fechado a porta, voltou-se dizendo :

— Diga-me uma cousa : estima-me, Chauvelin ?

— Estou que a senhora não pôde duvidar do meu respeito e da minha dedicação, condessa.

— E essa dedicação me protegerá contra tudo e contra todos ?

— Menos contra o rei.

— Em todo o caso, se não approvar o que vai saber ficará neutro ?

— Prometto, se quer.

— Dá-me a sua palavra ?

— Dou.

— Então leia.

E a condessa entregou-lhe um papel, o mais singular, e mais atrevido e ao mesmo tempo o mais comicó. O marquez ao princípio não comprehendeu o que lia. Era um requerimento dirigido ao papa, em que ella pedia a annulação do seu casamento com o conde du Barry, sob pretexto de haver sido antes amante do seu irmão. Prohibindo os canones o casamento em identico caso, estava aquelle nullo necessariamente; e ainda mais prevenida ella do sacrilegio que ia commeter, deixou-se possuir de grande susto, não chegando mesmo o conde a consumar o casamento.

O marquez duas vezes leu aquele requerimento, e entregando-o depois à favorita, perguntou-lhe o que tencionava fazer.

— Mandal-o ao seu destino, respondeu ella com um sangue frio admirável.

— Ao papa ?

— Sim, ao papa.

— E depois ?

— Não advinha ?

— Não.

— Meu Deus ! como está dura hoje a sua cabeça.

— É possível ; mas também nunca foi meu forte advinhar.

— Então julgava que eu favorecia sem pretensões à Sra. de Montesson ? E o Delfim ? e a Sra. Choin ? e Luiz XIV e a Sra. de Maintenon ? Ora, quando todos os dias leva-se a bradar aos ouvidos do rei, para que imite a seu illustre avô, nada se poderá responder a isto. Demais, eu valho tanto como a viúva Scarron, parece-me, com quanto não tenha, como ella, os meus sessenta annos já.

— Oh ! senhora, senhora ! o que acaba de proferir ? que projectos são esses ? interrogou o Sr. de Chauvelin empalidecendo e dando um passo para traz.

Neste momento a porta abriu-se e Zamore anunciou :

— O rei !

— O rei ! exclamou a Sra. du Barry pegando nas mãos do Sr. de Chauvelin ; o rei ! não diga

uma palavra .. Ainda havemos de continuar esta conversa.

O rei entrou. Seus olhos voltaram-se logo para a condessa, enquanto dirigia ao marquez as seguintes palavras :

— Ah ! Chauvelin, Chauvelin, então decididamente quer morrer ? Como está pallido, meu amigo ! parece um espetro.

E o marquez estava realmente com as feições desfiguradas todas.

— Morrer ! o Sr. de Chauvelin morrer ! exclamou aquella mulher leviana, dando uma longa risada. Não sabe, Sire, o horoscopo que a cinco annos lhe coube nos folguedos de St. Germain.

— Que horoscopo ? perguntou o rei.

— Pois V. M.. ainda não sabe ?

— Não, nem ouvi falar nisso.

— Penso que V. M. não acredita nos horoscopos ?

— Não, mas dado mesmo o caso de acreditar, não seria isto motivo para deixar de dizer o.

— Pois bem, segundo o horoscopo, o Sr. de Chauvelin morrerá douz mezes antes que V. M.

— E quem foi o logeo que predisse seme-hante cousa ? perguntou o rei já algum tanto desascegado.

— Foi, pelo contrario, um hábil advinhe ; o mesmo que me predisse....

— Isto não passa de tolice, interrompeu o rei com um notável movimento de impaciencia ; vamos ver o espelho, que melhor aproveitaremos assim o tempo.

— Então, Sire, iremos para aquele quarto lateral.

— Pois vamos.

— V. M. conhece o caminho o pôde ir adiante ; é o do quarto de dormir desta sua muito humilde criada.

Effectivamente o rei sabia o caminho e seguiu em primeiro logar.

O espelho estava collocado sobre o toucador, coberto com um denso véu que cahio á ordem do rei, podendo-se então admirar uma dessas maravilhosas obras, dignas de Benevenuto Cellini. A moldura era de ouro maciso ; na parte superior, dous rechonchudos cípidinhos seguivam n'uma coroa real, que tão bem disposta estava, que justamente assentaria sobre a cabeça de quem se fosse mirar.

— Oh ! como está magnifico ! exclamou o rei. Rotiers excedeu-se na verdade, e eu lhe darei os meus emboras. Condessa, sou eu quem lhe faz presente deste espelho.

— E de tudo o mais ?

— Sem dúvida, dou-lhe tudo.

— Espelho e moldura ?

— Sim, espelho e moldura.

— Também aquillo ? perguntou a condessa com um sorriso de sereia que fez tremer o marquez, sobretudo depois do que tinha acabado de ler.

A condessa apontava para a coroa real.

— Aquelle ornato ? perguntou o rei.

A condessa fez um signal afirmativo.

— Divirta-se, divirta-se enquanto tiver vontade, condessa... Mas, com o demo! Chauvelin não dará um ar de sua graça? nem mesmo em presença da condessa e do seu espelho, nem mesmo contemplando-a duas vezes ao mesmo tempo?

O madrigal do rei teve em recompensa um osculo da condessa.

O marquez nem pestanejou.

— O que pensa acerca deste espelho, marquez? diga-nos a sua opinião, vamos.

— O que vale ella, Sire?

— Para os homens de gosto como o marquez, sempre vale alguma cousa.

— Antes não o tivesse visto.

— Melhor! e porque?

— Porque ao menos poderia negar lhe a existencia.

— E o que quer dizer com isso?

— Sire, a corôa real está mal collocada nas mãos do amor, respondeu o marquez inclinando-se profundamente.

A Sra. Du Barry cerrou de colera.

O rei, embarracado, fingiu não ter compreendido.

— Não tem razão, Chauvelin, replicou elle; estes amores estão perfeitamente imaginados e executados: veja com que graça inimitável se-guram na corôa; veja aquelles bracinhos arredondados; parece que estão com um ramo de flores na mão.

— E é o que deviam ter, Sire, os amores não devem brincar senão com flores.

— Os amores são próprios para tudo. Sr. de Chauvelin, disse a condessa, e outr'ora talvez o senhor fosse o primeiro a acreditar isso. Mas a sua idade já não o deixa recordar-se dessas cousas!...

— E tem razão o marquez: os jovens como eu é que podem pensar nessas frioleiras, disse o rei riu-lo-se. Mas, afinal não agrada-lhe o espelho, marquez?

— Não é o espelho, Sire.

— Então o que é? Será por ventura o encantador semelhante que nesse se reflete? Esta hoje difícil de contentar, marquez!

— Pelo contrario, ninguém rende uma homenagem mais profunda à formosura da Sra. condessa.

— Parém, perguntou a Sra. du Barry impacientando-se, se não é o espelho, nem o rosto que elle reflecte, o que vem a ser então? diga.

— É o lugar que elle ocupa.

— Pois não acha-se bem collocado aqui em cima deste toucador?

— Estaria melhor em outra parte.

— Mas onde? não me impaciente mais com esse ar misterioso que lhe assenta tão mal.

— Em casa da Delphina, senhora!

— O que?

— Sim, a corôa de flores de liz não pode ser usada senão por quem foi, e ou virá a ser traidora de França.

Os olhos da Sra. Du Barry scintillaram e lançaram fâscaras.

O rei fez um gesto de raiva. Depois levantou-se e disse:

— Tem razão, marquez de Chauvelin, o seu espirito está talvez um pouco enfermo. Vá, vá descançar em Grosbois, uma vez que se dá tão mal perto de nós: vá, marquez, vá.

O Sr. de Chauvelin, como unica resposta, fez uma profunda cortesia e sahiu daquella cámara, recuando sempre, sem voltar as costas, como teria feito nos grandes salões de Versailles, e seguindo restrictamente a etiqueta que proíbe cumprimentar qualquer pessoa em presença do rei.

A condessa mordia as unhas de raiva; o rei percebeu, e querendo tranquillizar-a disse:

— Aquelle pobre Chauvelin teve talvez algum sonho ruim como eu. Não sei porque, todos estes espíritos fortes sucumbem logo que o mau anjo lhes toca com a ponta de suas asas negras. Chauvelin é dez annos mais moço do que eu, e no entanto tenho ainda a pretenção de valer mais do que elle.

— Sem dúvida, V. M. vale mais que todo o mundo. É espirituoso como nenhum dos seus ministros, e mais robusto do que os seus filhos.

O rei desvaneceu-se todo com esta ultima prova de delicadeza, que, diga-se de passagem, esforçou-se bem por merecer.

(Continua.)

Bellas-Artes.

FRAGMENTO.

« O estudo das artes, diz o Sr. Guizot, possui um singular encanto, absolutamente estranho aos interesses privados, às questões políticas que dividem os homens.

« Fora destas divisões, o gosto do bello nas artes os reconcilia e os une; é às vezes um prazer pessoal e desinteressado que se põe em movimento satisfezendo ao mesmo tempo nas mais nobres faculdades, a imaginação e o sentimento.

« Só as Bellas-Artes têm o privilegio de poderem prosperar e encantar os homens nas épocas e nas condições das mais diversas sociedades. República ou monarquia, poder absoluto ou livre, agitação ou calma dos espíritos e das existências, o gosto e a fortuna das artes podem desenvolver-se brillantemente com tanto que não exercem sobre elas esse excesso de servitismo ou de martyrio que abate e gela a população inteira. Elas emprestaram a sua gloria tanto ao imperio Romano como à republicana Grecia.

— Entretanto o gosto das Bellas-Artes, que tão altamente se desenvolveu entre os antigos, e que tanto tem distinguido mesmo nos nossos tempos a Italia, a França e a Alemanha, não tem podido obter entre nós nem sequer aquella atenção e apreço que alcançam os produtos da natureza.

« O povo e os governos não lhes tem prestado

até hoje aquella estima e amor de que elles carecem para florecerem em um solo que, embora ubere, não está ainda suficientemente preparado para as receber.

O povo que se entrega á especulações baixas e rudes, que busca o ouro pelo ouro, como o maximo da felicidade e não como o meio de a obter, difficilmente se entrega aos estudos philosophicos, ao bem da humanidade e por consequencia aos trabalhos ideias do espirito da arte.

E' que « as Bellas-Artes, conforme escreve o Sr. Villemain, são a sabia interpretação do puro entusiasmo que constantemente reconduz a presença divina a poesia do universo e ao espiritualismo a realidade imortal da alma » — não podem subordinar-se ás tarifas da agiotagem nem aos ferrothos da uzura.

O servilismo é a morte da intelligencia, assim como a corrupção é o cadasfuso do talento. — Os astros brilham no espaço que é a personificação da liberdade, não se abatem nem se conspurcam.

O artista que se esquece da arte, deitado na alcova do vicio, que assfoga na crapula as horas do trabalho, é um imatredido que se involve na purpora dos reis para rojar-se no lodo das ruas.

As facultades do entendimento, com as facultades do corpo necessitam da perfeição e da harmonia para se revelarem. A perfeição moral é o salvo conduto da perfeição artística.

A intelligencia tem um culto sagrado como o do céo que a originou, é o exercicio da honestidade, da razão e da justica. »

Sem dignidade não ha arte nem artistas, ha apenas a banca do fanqueiro e os vendelhões que Christo expulsara do templo.

« As Bellas-Artes diz o Sr. Sutter, no seu curso de philosophia, não servem só para revelar-nos o segredo das harmonias da natureza, mas tambem para derramarem a ordem e a graça nas obras que se destinam as necessidades mais elevadas da intelligencia; elles abraçam o conjunto dos conhecimentos physicos e moraes: o seu fim é o de concorrer para a perfeição da humanidade. Pondo em movimento as nossas mais nobres facultades, contribuem para a nossa felicidade por um espectáculo de harmonia e de belleza que nos eleva a Deus. Dispondo-nos para o que é bom ellas aproximam a creatura do Creador... »

« Neste terreno neutro, as opiniões se conciliam: os prejuizos e os odios politicos se esquecem era vez de se exaltarem e combaterem: tal é o poder da idéa do bello sobre a nossa alma! »

« Os assumptos religiosos ou historicos em que os mais nobres caracteres se tem empregado, são sobretudo, capazes de despertar as idéas de ordem, do bello infinito que nos chama o sentimento de virtude; assim tambem as bellezas da natureza offerecem em seu conjunto á vista e ao espirito a idéa de ordem e de harmonia por meio da unidade. »

Pôde-se comprehender a utilidade das Bellas-Artes dizendo-se que a harmonia contribue para se dominarem as paixões, dando a idéa e o costume da ordem, do bom e do verdadeiro.

« Esta razão diz Aristóteles: — Alexandre

queria que a flor da mocidade fosse instruída nas artes do desenho afim de fazel-a chegar ao conhecimento da verdadeira belleza; e houve um tempo em que as officinas ou estudos dos artistas eram tão frequentadas como as escolas de philosophia.

As Bellas-Artes são a gloria da nação que as proteje; introduzindo nos povos a moral e as luzes da civilização, dotando-os de uma nova verdade ou de um novo progresso, perpetuam a vida intellectual e moral das nações, além mesmo da sua existencia material; elles abrem a fonte da prosperidade publica e preparam o triunfo da religião e dos costumes.

Trabalhando em proveito das sciencias, tendo por alvo o bello util e a felicidade dos homens, o artista cumpre a sua missão. As Bellas-Artes tem sido consideradas, em todos os tempos, como um poderoso meio de cooperação sempre que se leve em vista a conservação ou a regeneração da sociedade.

Quando os Gregos queriam testemunhar o seu respeito aos Deuses offereciam-lhe painéis e estatuas, representando as suas mais celebres vitorias ou os retratos dos homens a quem queriam honrar.

Deste modo nascia a imolação que desenvolvia entre aquele povo heroico o sentimento da virtude, o amor da gloria e das boas ações.

« Contemplando diariamente as obras primas da pintura, da escultura e de arquitectura disso Platão no seu 3º livro da republica, os genios menos dispastos para as Bellas-Artes, enlevados pela perfeição dos trabalhos dos artistas, como em uma alemosphera pura e sã, tomároão gosto pelo bello pelo decente e pelo delicado. Habituar-se a conhecer com rectidão o que havia de distinso nos seus trabalhos e nos a natureza, e este filiz convicção do seu acertado juizo tornou-se uma necessidade das suas almas. »

« Nós acompanharemos de perto, diz ainda Platão, aos artistas para que os cidadãos recebam saudáveis impressões de todos os objectos que se apresentarem aos seus sentidos, e que desde a infancia tudo os conduza insensivelmente a amarem a recta razão, estabelecendo entre si e os outros accordo perfeito. »

— As Bellas-Artes apaixonam as almas elevadas pela contemplação das maravilhas da natureza e do genio humano.

O que desejam todos os homens mesmo nos seus sonhos de ambição? um abrigo contra as tempestades das paixões, um porto depois de longas tempestades; ó nas Bellas-Artes se encontra por que só elles podem dar a tranquillidade e a paz de uma alma pura, cheia de esperança e de fé.

O sentimento desinteressado, a moralidade do talento são os principios que asseguram a gloria e a prosperidade das nações. Só ao amor da arte e da philosophia se devem as mais bellas obras da humanidade.

Os calculos do individualismo egoistico são os germeus da especulação, que atrofia e petrifica as mais generosas aspirações.

A perfeição nas artes é a consequencia do desin'resse e do amor da gloria; sem ella não ha perfeição e não ha perfeição sem gloria.

BITTENCOURT DA SILVA.

CURIOSIDADES DOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS.

O PHAROL DE EDDYSTONE.

A 14 milhas, pouco mais ou menos, ao su-sudeste de Plymouth, surge do seio das ondas um grupo de rochedos, a que os ingleses tem dado o nome de Eddystone — pedra do rodomoinho — por causa da agitação violenta que o mar experimenta, quebrando-se contra elles. Em todos os tempos tem sido aquelle logar um perigoso obstaculo á navegação do mar da Mancha.

Mais de um bello e sólido navio, depois de ter atravessado, sem avaria, os inumeraveis tropeços do oceano Atlântico, tem vindo quebrar-se sobre esses rochedos fataes e sombrios, perdendo a sua equipagem e passageiros em presença das costas da patria.

Era de toda importancia proteger os maritimos contra esse perigo terrivel, contra essa desesperadora ameaça da morte; e desde o anno de 1698 Mr. Henry Winstanley, rico particular, que tinha disposição natural para os trabalhos mecanicos, não sendo nem engenheiro, nem architecto de profissão, emprehendeu elevar um pharol sobre o rochedo de Eddystone.

A especie de edificio que construiu sobre o apice angulosso da rocha, assemelhando-se pela sua forma exterior a um pavilhão chinez. Cheio de angulos e saliencias, com inumeraveis janelas e galerias superpostas em spiral, esse pharol parecia ter sido feito antes para ornar um caprichoso jardim inglez, do que para lutar contra as furias do oceano embravecido.

Porém essa não era a opinião do architecto. Estava tão convencido da solidez do edificio, que desejava que houvesse uma tempestade, durante a qual iria, do alto de seu observatorio aereo, desafiar as ondas e a tormenta. Taes sonhos são facéis de realisar nas costas da Inglaterra, e não tardou offerecer-se occasião de Mr. Winstanley experimentar, não só a sua confiança pessoal, como tambem a solidez do seu pharol.

No mez de Novembro de 1703, houve uma dessas tempestades, que fazem época nos annaes maritimos, e das quaes os mais intrepidos ma-

rinheiros só fallam benzendo-se. Quando começou a borrasca, Mr. Winstanley acompanhado de alguns amigos imprudentes, a quem sua temeraria segurança havia convencido, dirigiu-se ao pharol.

Nem um delles voltou.

Uma onda destruiu e lançou por terra o pharol com tudo que continha, de sorte que, quando acalmou a tempestade, apenas restavam sobre as ondas algumas taboas despedaçadas.

Tres annos depois, um outro amador, Mr. John Rudyerd, emprehendeu elevar um outro pharol.

O governo permanecia estranho a todas essas tendencias philantropicas, e deixava aos particulares o cuidado de velar sobre a conservação de seus navios.

Mr. Rudyerd, mais habil e mais prudente do que o seu antecessor, não desanimou com o fim desgraçado que esse tivera. Não deixando-se arrastar pela phantasia, tratou de examinar a forma que melhor conviria a esse edificio marítimo; e o seu pharol, construido de madeira, permaneceu firme até Dezembro de 1753. Teve um fim imprevisto para um edificio aquático; foi destruido por um incendio occasionado pela queda de 24 velas, que ardiam constantemente no campanario do edificio.

Mr. John Rudyerd tinha apostado que o seu pharol não succumbiria jámais aos ataques do mar. Sua previsão foi litteralmente realizada.

Antes de emprehender a construcção de um novo pharol, o proprietario que comprara os herdeiros de Rudyerd o pharol antigo, consultou o presidente da sociedade real das sciencias maritimas, que lhe recommendou um engenheiro de nome Smeaton, como o homem mais habil para a construcção de tal edificio.

Smeaton consumiu bastante tempo, estudando o melhor meio de assentar solidamente os alcerces do pharol sobre as saliencias do rochedo, e procurando a forma mais conveniente, para tornar esse edificio duradouro e proprio ao seu destino. Tomou por typo de sua construcção o tronco do carvalho, que arredondando-se para a raiz, eleva-se, estreitando-se até o nascimento dos ramos, onde o seu diametro se desenvolve consideravelmente.

Cavando sobre o rochedo seis degráos, e cobrindo-os com camadas de cal, firmou sobre elles o edificio. Até 12 pés acima do rochedo, a base da torrinha era massica. As ordens de pedra encaixadas e superpostas em angulo recto

apoiam-se sobre o rochedo, offerecendo invencivel resistencia a pressão lateral das vagas.

O interior da torre compunha-se de quatro camaras sobrepostas; sobre a ultima havia uma lanterna de vidro.

A primeira pedra foi collocada em 12 de Junho de 1757. e em 16 de Outubro de 1759 a lampada de salvação espalhou sua luz protectora sobre a noite do oceano.

Ainda que tivesse decorrido mais de 2 annos entre a collocação da primeira pedra e a inauguração do pharol, os trabalhos não duraram na realidade mais de 111 dias e 10 horas, isto é, pouco mais ou menos 16 semanas.

Desde então tem permanecido firme o pharol de Eddystone, e promette assim persistir durante séculos.

Tem experimentado bastantes assaltos, dos quaes o mais memorável foi a tempestade de 1762. No dia seguinte à tão grande tormenta, todos esperavam não ver nem mais vestígios do pharol; porém elle permaneceu intacto, e a sua luz continuou a brilhar tranquillamente em suas lanternas, das quaes nem um vidro se havia quebrado.

Vrs.

Amor e fatalidade.

II.

SOU INNOCENTE !

Essa imagem do céo—Innocencia e belleza!

LAMARTINE.

Julio julgou que assassinando D. Rodrigo, a filha do fidalgo o seguiria, porque o amava. Introduziu-se, alta noite, na camara do seu benfeitor, e tão alucinado estava esse moço, que o seu crime poderia ser descoberto.

Quem ama não reflecte, e crê tudo possível: Leandro julgou possível atravessar á nado o estreito de Dardanellos para ir fallar á sua amante.

Malvinda vendo o seu amante penetrar no quarto de seu pai o seguiu, o grito que essa moça deu ao suspender o braço do assassino, despertou a criada do palacio.

D. Rodrigo fora ferido no hombro esquerdo; o medico declarou, que a ferida não era mortal; houve porém fractura da clavícula, o que demorou por algum tempo o restabelecimento do doente.

Assim que se deu no palacio o facto, que relatamos no capitulo anterior, o tio Anastacio, tornando o seu bordão e o seu chapéu desabado,

correu a cidade, e noticiou á autoridade o delicto que se acabara de commetter.

O tio Anastacio era noveleiro, gostava de saber, e de contar as suas novidades.

A justiça apresentou-se no palacio de D. Rodrigo, e Malvina accusada de crimiosa foi imediatamente presa.

Ao principio D. Rodrigo quizera acreditar, que sua filha era inocente, mas sabendo depois do amor, que ella tinha por Julio, o velho fidalgo ficou furioso, e julgando-a culpada, não a quis mais ver.

O tio Anastacio admirava-se de que Malvina tivesse querido comitter tal crime, ella que era tão boa, e tão inocente.

— Eu acreditaria mais facilmente, dizia o guarda portão, se me viessem dizer, que o Pão de Assucar se transformara em um gigante de carne e osso, do que se me dissessem, que a Sra. Malvina attentara contra a vida de seu pai !

— Querer matar o Sr. D. Rodrigo, o melhor dos amos, o rei dos fidalgos, o pai de nós todos ! Abrenuncio ! E quem ? uma menina, que parecia simples como uma boneca, e santa como um anjinho ! Ainda me custa a crer, e me parece um sonho !

— Quero crer que aqui ha misterio, e aposto com o meu chapéu, que toda essa novella foi armada pelo tal Sr. Julio, que era um indiabrado, homem sem miolo, e que poderia fazer colonia com Sstaniz. Ah ! mas se o pião, torço-lhe o pescoço como se fora um marreco.

E o tio Anastacio tornando rapé sacudio os braços e as pernas como se fôra um guapo rapaz de 20 annos.

Malvina foi levada ao jury; a pobre moça apresentou-se na sala do tribunal.

Como era bella !

Tez branca como a pallida transparencia do alabastro, olhos grandes e pretos debaixo de sobrancelhas grandes e negras, boca tão formosa, que parecia destinada a um sorriso eterno, cabelos pretos, fazendo realçar mais a pallidez do rosto.

Era admiravel a reunião dos diversos encantos da beleza, que esse rosto de mulher apresentava.

Era linda como essas imagens de Venus retratadas por Van-Deck e por Andrea del Sarto :

Como era bella !

Malvina tinha 15 annos.

Os juizes lhe fizeram diversas perguntas ; Malvina procurava falar, fazia todos os esforços para pronunciar alguma palavra, mas não podia, então desesperada apertava com as mãos ambas a sua fronte, e começava a chorar.

Coitada, estava muda !

Tudo a condemnava ; o ter sido ella que dispôs para o tiro, o ter se divulgado o amor, que consagrava a Julio, a fuga do seu amante, o testemunho da famula do palacio, tudo era contra a pobre moça.

Os juizes a condemnaram.

Quando Malvina ouvio ler a sua sentença, tornou-se excessiva a agitação do seu peito, e as

suas faces se coloriram vivamente; entretanto ella não era criminosa.

A triste moça olhou depois para o céo e mostrou resignação.

Em presença das portas da prisão, que ante ella se abriam, era sem dúvida imensa a fé que tinha em sua própria inocência!

D. Rodrigo, que depois do fatal acontecimento não lançara mais os olhos sobre a sua filha, no momento em que a justiça a condenou, o seu coração de pai bateu fortemente, e as lagrimas da dor lavaram-lhe o semblante; então a natureza pôde mais do que o homem, o pai, mais do que o fidalgio; D. Rodrigo veio abraçar sua filha.

Malvina quando viu seu pai, estremeceu, tornou-se branca como um cadáver; dir-se-hia que estava viva, porque tinha movimento. A triste coitada caiu aos pés de D. Rodrigo desejando talvez dizer-lhe—matai-me se quizerdes.

Era preciso terminar scena tão triste: trataram todos de separar esse pai infeliz dessa filha também desgraçada.

Quando Malvina ia se retirando do tribunal apareceu um moço com os cabellos em desordem, com o semblante branco como o gesso, com o olhar scintillante como o de um doido; esse moço, no meio do espanto e admiração de todos, exclamou com voz forte, e commovida.

— Ah! deixai-a, ella é inocente.

— Innocente! balbuciou D. Rodrigo.

— Sim, seu inocente, meu pai, exclamou Malvina.

Malvina sentiu tanto abalo, tanta commoção, quando ouviu declarar a sua inocência, que recuperou a voz.

Dir-se-hia, que um anjo, descido do céo, viera restituir a voz a essa moça para ella apregoar a sua inocência.

— Minha filha, disse D. Rodrigo abraçando Malvina.

— Senhor, perdoai-me, dizia Julio aos pés de D. Rodrigo, sou um louco, um desgraçado, um renegado de Deus; perdão, D. Rodrigo, o amor tornou-me um scelerato, perdão.

— Eu vos perdoo-o, assim também vos absolve a justiça dos homens.

Mas a justiça não pode parar onde pára o coração do homem, tem de ir além.

A justiça é cega e surda, não escuta os lamentos, e não vê as lagrimas do culpado; e só atende a sociedade, que lhe diz sempre—puni o vicio, recompensai a virtude.

Julio foi preso, depois de ter confessado todo o seu crime.

O tio Anastacio ficou contñissimo, quando se divulgou a inocência de Malvina. Nesse dia o bom velho comeu como um abade, bebeu como um inglez, e esquecendo-se dos annos, cantou e dansou como um menino.

Dizia o guarda-portão.

— Eu bem via, que naquella alma de criança, havia só inocência.

Julio pouco viveu na prisão; o frio vendaval da desgraça matou depressa essa vida ainda em flor.

Ah! má estrella presidiu ao destino desse desgraçado moço!

Passado algum tempo, em dia de finados, nesse dia em que os mortos recebem vizitas, nesse dia de luto e de dor, de lagrimas e de saudades, uma mulher, ainda bem moça, descendendo do seu carro, entrava em um cemiterio.

Essa mulher ajoelha-se diante de um tumulo, cuja lápida apresentava esta simples e misteriosa inscrição—amor fatal,—e deixou sobre a lage do sepulcro uma coroa de saudades...

— Foi tão infeliz como o seu amor, disse Malvina: partindo-se da sepultura de Julio.

M. de Azevedo.

Revista de theatros.

SUMARIO: — GYMNASIO *Duas primas.* — Concerto de Schram. — S. PEDRO: — *As mães arrependidas.*

Há na moderna literatura dramática uma cabeça onde a faculdade productiva levantou-se até Calderon o poeta, e até Dumas o romancista: é Scribe.

Scribe é uma figura explendida na galeria da arte moderna; e parodiando a phrase de um escriptor distinto, não é um dramaturgo, é um theatro. Não é como formula habitual que se diz theatro Scribe; elle vale um repertorio. Medi a distancia desde *Os cantos da Rainha de Navarra*, até aos *Primeiros amores*, e vede que literatura copiosa! que veia abundante! que theatro esplendido!

La comtesse du Toneau é uma das composições do distinto escriptor. É um quadro ligeiro, uma aventura da corte dissoluta e intrigante de Luiz XV. De um lado vemos a elegante Du Barry, rainha do coração e do espirito do rei, caminhar no alto de seu orgulho de amante real. Do outro vemos o Conde de Lauzan, namorado derrotado da condessa, que procura vingar-se della com o auxilio.... de quem? de uma palmiladeira, menina do povo, e que a voz publica apresenta como prima da Du Barry. Com estes dados a pena do distinto escriptor, grupou scenas, talhou diálogos, e enfeitiou uma comedia espírituosa.

Duas primas chama-a em portuguez, a Sra. Eugenia Camara, que fez uma traducção em geral boa.

As Sras. Velluti, Eugenia e Julia, com os Srs. Furtado, Montinho e Heller, foram os interpretes da composição de Scribe.

Foi muito igual o desempenho. Além da alvitra Du Barry e do elegante Lauzan, que a Sra. Velluti e o Sr. Furtado interpretaram com o talento e precisão, há a palmiladeira Jullietta e Esperança, papeis, da Sra. Eugenia e do Sr. Mouzinho.

Tanto um como outro estiverão na altura das figuras que tinham a desempenhar. A primeira porém tinha um quadro mais largo, era o pri-

meiro papel: e pode por conseguinte por em exo um talento que a comedia parece chamar quasi absorver.

Alem do desempenho igual da comedia, foi da montado com esmero e precisão historica.

A comedia não está absolutamente no espírito do Gymnasio, mas constitue um doce amanhecer nessa ceia da arte, em que como diz um critico moderno, Shakespeare, dá a comer e a beber sua carne e o seu sangue.

O joven pianista Carlos Schram deu um concerto no Gymnasio.

Já falei sobre a Sra. Elena Conran que fez parte do concerto. Falemos de C. Schram.

E' uma cabeca adolescente chegada ha pouco a esta corte onde já se tem feito ouvir. Filha da aura e profunda Alemanha traz em si a indole vigorosa de seu paiz; é um verdadeiro talento alento.

A platéa brasileira teve oportunidade de apreciar os dedos do inteligente menino. Não o aplaudiu, como mestre já, mas como uma palavra que o futuro pode fazer valer no liro da arte.

Nas variações de Talberg pôz em pratica uma execução facil e rara. Todos sabem como são felizes as variações sobre o *Elixir d'amore*; pois em o pequeno Schram, lutando com a dificuldade e com o conhecimento que todos tem daquelle lindo pedaço satisfez e arrancou palmas á platéa.

Passará despercebido o compatriota de Mozart? Não creio. Talento definido, ainda que na voz da sua voz artistica tem um direito de vida.

Entretanto, tão joven ainda, por que deixa a terra, só errando de nação em nação, comprando comodidades de vida com os principios de destino que uma prática severa tem ainda que gorar? E' o destino dos artistas? Tambem Mozart, ilado é sem recursos foi obrigado a tomar o caminho do exilio.

Foi applaudido, coberto de palmas, flores; teve s faces e nos labios ardentes e bellas duquesas rienses; era criança quando veio a idade, viveu privações, teve de lutar. Não lhe derão apoio que conserva o homem, para conservar artista; e uma tardia protecção de principe não valeu contra as invejas e contra as necessidades mais exigentes.

Este destino terá de cunhar a fronte do descendente artista? Longe vá o agouro; desejo um céo mais cor de rosa.

Quem, como esse interessante menino tem nas suas o poder de dar uma harmonia as teclas idas de um piano deve ter direito de asser; e a pátria é obrigada a segurar lhe um lar.

Não é um professor, repito; mas quem sabe a poderá vir a ser? Deixou Carlos Schram.

Asso a fallar das *Mães arrependidas*, drama de 4 actos, representado no Theatro de S. Pedro, festejo do anniversario do Chefe do estado. Começo por dar os meus emboras a traducción que parece boa, aparte um outro de-

feito de construção phrase. Depois tenho ainda a notar e louvar o *mise en scene*, e, o quo em linguagem technica se chama *marcção*; os actores pela maneira por que se cruzavam e se moviam revelavam o esforço de mão mais ou menos cuidosa.

Eis um esboço do entrecho.

Dous individuos pretendem a mão de uma menina, rica herdeira, filha do conde e da condessa de Rovenkine. Um delles fidalgo de alta e velha linhagem; o outro simples filho de uma modista, que se fez passar por marquez de Loverdæ.

E' um caprixo? uma ambicão?

E' um resultado da educação. Arthur Marquis, filho de uma simples costureira, foi educado nas academias; sabe e tem talento. Fadado para altos destinos, deixou-se desvairar por uma vontade de subir, e tomou um nome supposto. Nesse delírio até foge de sua propria mãe.

A condessa de Rovenkine, fidalga então com todas as vaidades aristocraticas, não passa também de uma antiga modista companheira de Rosa Marquis, mãe de Arthur.

O conde de Plonzastee, um dos que aspira a mão da menina Rovenkine, é o preferido pelo coração da rica herdeira; tem já o consentimento da condessa, e está quasi a coroar os seus desejos.

Entretanto Arthur, para quem só resta um ultimo recurso, um casamento rico, deseja tambem a mão da menina; e encontrando-se com sua mãe em casa da condessa, manifesta-lhe esse desejo. A mãe faz-lhe sentir a dificuldade de obedi-a, mas elle ameaça-a com um suicidio. Era para desesperar; Rosa Marquis promete a seu filho a mão do Elisa, e vai pedil-a à condessa. A condessa recusa, mas ameaçada de ser declarada publicamente o seu nascimento infímo, cede, sinalg ceder ás instâncias de Rosa.

E' uma luta entre o amor maternal e o orgulho de fidalga alinhavrada; e neste contraste a acção dramática sobresai vigorosa.

Não cede porém Regis, conde de Plonzastee. Um dia em casa da condessa, perante toda a familia e convidados, faz allusões ferinas a Arthur e acaba por insultar Rosa Marquis. Arthur não se pôde conter e declara perante todos que ella é sua mãe. Fallava a voz da natureza, um longo desdém acabava-se com as palavras de um instante; o arrependimento lavava a culpa; Arthur relemava o seu carácter sympathetic de homem de bem.

Não podiam as cousas ficar assim; desafiam-se os dous rivais e vão bater-se. Quem morre? Arthur. A condessa e Rosa vão tomar o habito de irmães de caridade; Regis e Cecilia vão coroar seus votos.

O drama é bom, bem escrito, bem dialogado; mas estará isento de defeitos? Não.

Arthur, figura sobre quem se derrama uma meia-luz; condemnado no desprezo de sua mãe, mas victimâ da sociedade, pretendendo uma posição, que só podia alcançar com dinheiro e com títulos; levado a final pelo reconhecimento pu-

blico de sua mãe, podia bem escapar da espada do conde. A morte alli nem moralisa, nem é uma necessidade palpítante. A provação podia remil-o e fazê-lo voltar a uma vida regular.

Depois a vantagem era dupla; o conde Regis não tinha necessidade de matar Arthur, cujo unico crime era pretender a mão de Cecilia, como elle. Onde assistiam mais direitos?

E' verdade que Arthur é apresentado como um jogador. Jogava porque aspirava uma posição; o casamento, que era o seu ultimo recurso, mataria aquele vicio, aquelle meio de enriquecimento.

No terceiro acto, uma longa falla do conde Regis, acabrunha o pobre Arthur Maquis. A nobreza argüe ao plebeu um título falso, uma posição ambígua e uma vida de escriptor manchada de baixezas.

Louvo a intenção do autor nesses bellos periodos. São verdades applicaveis a todas as situações, a todos os países. No meio das frontes sérias, das probidades litterarias ou sociaes, há sempre desses leiloeiros da intelligencia, mercadores do espirito, que vendem o escândalo e a calunia. E' um pedaço lindo, um dos melhores da peça.

Mas ocorre-me uma cousa; Arthur Marquis é um carácter definido? Já o disse, sobre essa individualidade apenas se derrama uma meia luz. Na maneira por que falla não parece ser essa criatura do terceiro acto pintada pelo conde Regis.

Se o Sr. Mallefille reconheceu, como eu a inconveniencia ou pelo menos a desnecessidade de fazer sucumbir Arthur, não sei qual o motivo por que dá esse remate à sua peça; não quero crer que pretendesse manifestar assim a superioridade do barão sobre a casaca do filho de modista. Deve conhecer a indole do seculo.

É este o esboço ligeiro do drama, tal como o pude apanhar na successão rapida das scenas.

Agora o desempenho.

O Sr. Amoêdo, interpretou sofrivelmente o espirito do seu papel — Arthur. Vestiu-se com gosto, e tinha manciras de salão. Tem uma falla no segundo acto que disse com a inflexão devida e com essa voz sympathica que soube interpretar outros papéis conhecidos do publico. O pedaço em questão é a autopsia propria, em que elle se descreve todo, fallando de sua ambição, e de suas tentativas malogradas na litteratura, soube dar o tom pungente e doloroso que prepara a sua individualidade para repellir mais tarde as allusões importunas do conde Regis.

Entretanto o só movimento de mãos, torna-o talvez monoto. Pôdia ser mais correcto.

As Srs. Ladvina e Adelaide, exforçaram por acompanhar o seu companheiro. Tiverão scenas mais ou menos bem jogadas, á excepção de algumas phrases e trechos que se ressentem da atmosphera romantica, na inflexão cantada, e no gesto classico demais.

A primeira interpretou a condessa de Rovenckine; e a Sra. Adelaide tinha a seu cargo a modista Rosa Marquis.

O extravagante conde Platão de Rovenckine, com a sua impassibilidade cossaca, não foi mal; estava incumbido desse papel o Sr. Pedro Joaquim, que não se parecia em nada com o fidalgo arruinado do *Sincero de S. Paulo*.

O Sr. Florindo no desempenho do conde Plonzaste, não me pareceu completo. Tinha uma voz modulada; nada de inflexão natural, nada da maneira propria de fallar. Forcejava por pronunciar letra por letra, mas tralhia ainda assim as regras da arte; fazendo parecer uma galeria de palavras sem expressão, como corpos sem almas.

A sua longa falla do terceiro acto em que lançando allusões a Arthur, assigna-las verdades cruéis, foi applaudido com entusiasmo pela platéa. Mas o conde, fidalgo de velha raça, homem de salão, conhedor da sociedade polida; e collocado na situação de fingir calma, fazendo allusões ao falso marquez, filha daquella maneira no salão da condessa? Sabe o artista o que é a rua Rivoli? sabe que é um salão de fidalga elegante? Deve saber-o; devia compreender-se do lugar em que estava e da situação que o prendia.

Quer o Sr. Florindo um exemplo? Falle com o Sr. Pedro Joaquim a respeito do conde de Ribagoas, na *Escala Social*, papel que esse mesmo artista desempenhou; já podia modelar a sua declamação nessa falla pela declamação da falla identica do conde, em um salão, toda ella allusões a um individuo que ahi está.

Desejava mais elegancia no Conde de Plonzastel, e assim como menor trivialidade no porte, no gesto e na maneira de ter o chapéu na mão. Ora o colloca sobre a perna dando alguns passos dessa maneira, o que não é bonito em uma sala; ora o muda de posição, mas dando-lhe uma volta para o ar exactamente como se faz na roa ou nas salas plebeias. Se estas linhas merecerem do artista alguma attenção, pode acreditar que são sinceras.

O Sr. José Luiz, fez consistir o barão de Smoloff, em apresentar-se hirto, sem maneiras, sem gesticos, que denunciassem a qualidade do seu papel.

Notó ainda uma cousa e será a ultima. No terceiro acto, apresenta-se dous individuos, dous fidalgos no salão da condessa que se bem me lembro, chegaram sem dar fé de ninguem, passando mesmo pela incivilidade de nem fallarem aos donos da casa. Não é essa a pratica de todas as sociedades, sobretudo da alta.

Não creio.

NO ALBUM DE FELICIANNO TEIXEIRA LEITÃO.

Não troquei meu porvir por um vão sonho,
Que o tempo e a reflexão quebrão em meio,
Não trocarei tão pouco o meu passado
Por palavras de amor em que não creio!

JOSÉ ALEXANDRE TEIXEIRA DE MELLO - *Sombras e Sonhos*

Não! não creio nessas juntas,
Que me vens jurar aqui!
São tudo falsas perjurias,

Como as que outr'ora ouvi!
Vai-te, mulher! Teus protestos
De amores, não quero ouvir;
São tudo protestos loucos
Tom que me vens illudir!
Eu não creio nos teus labios
Porque só sabem mentir!!

As flores da minha infancia?
O que foi que lhe fiseste?
E aquella subtil fragancia
Daquelle amor que me dese,
A beber em taças d'ouro,
A'baça luz do luar?
Era nectar que eu bebia,
P'ra este amor se augmentar!!
E cada vez que eu te via,
Com esses enleios teus,
N'esse amor mais me perdia!
Julgava passar nos ceos,
Momentos de goso infinito,
Eras tú meu anjo lindo,
Que me davas risos teus!!

Mas agora já não creio
Nessas juras mentirosas !
P'raque vens com esse enleio,
Cercada de niveas rosas
Com que ornaste a fronte tua?!

Desprende ac'rôa de virgem
Por uma despiúla e nua,
De virtude e candidez,
Que essa já te não pertence,
Porque estampado na tez,
Tens o perjurio e a deshonra!
Oh! vai, vai, já não desejo
Sorver mais o teo bafejo
Como n'outr'ora sorvi!
Vai-te mulher pervertida
Passar o resto da vida
Para bem longe d'aqui!!

Ai! tú és porem tão linda
Que talvez podesse ainda,
Fascinar-me em teus encantos!
Mas eu já não tenho prantos
Tenho n'alma o dissabor;
Da nossa infancia de rosa
Extincto jaz o fulgor!!
Tenho este peito mirrado

Por me haveres esmagado
A minha primeira esp'rança!
Ah! diz para que trocaste,
Por esse viver perverso,
Nossos sonhos de criança?!
No dia em que tú nasceste,
Foi o dia em que eu nasci;
Nesse berço em que cresceste,
No mesmo berço cresci.
Foi nossa infancia tão linda,
Tão matisada de flores,
Que julgo vel-as ainda
Vegejantes multicores!...
Foi passando a juventude,
Sempre cheia de virtude,
D'innocencia e candidez!
Meu amor... já eu sentia...
Mas na incerteza vivia...
Inda era cedo talvez!...
Nem tú nem mesmo eu sabia,
Porque assim se humedecia,
Oteu seio em languidez!!

Ligeiro o tempo veava
Como a brisa entre a folhagem,
Nos sonhos que então sonhava,
Eu só via a tua imagem!
Assim fomos caminhando,
Por tão florido caminho,
Sem que um só.. um só espinho
Nos ferisse na passagem
Mas por entre essa ramagem
Não tínhamos mais p'ra andar,
Era tempo de acordar
Dos nossos sonhos da infancia,
Porque já lá em distancia
Vimos uma luz brilhar.

E foi.. ah! foi.. nesse dia
Que espêdaçamos o véo,
Que tanta cousa encobria,
E entramos ambos no céo!!!
Do que se passou n'essa hora...
E segredo... não direi!
Foi um sorriso d'aurora?
Um delírio?... nem eu sei!..
Foi balsamo celeste,
Que tú meu anjo me dese,
Nos teus labios a sorver;
Foi d'amor terno gemido...

De teu seio um-ai fugido...
Que me fez enlouquecer!!!

Veio a voz do desengano,
Os meos ouvidos ferir;
Julgava-te anjo celeste
Que me estavas a sorrir
E tu eras um demônio,
Que n'um sorrir estudado,
Me trazias humilhado
A força do teu semblante!
E foi ah! foi nesse instante,
Que eu entrei no fundamento
Que tão santo juramento
Tinha sido espedaçado
Por essa mulher perversa
Que me trazia enganado!!
E., não poder eu cuspir
Nesse rosto fementido,
Onde se vê esculpido
Oferrete do perjurio!
Vai-te, mulher refalsada,
Para bem longe d'aqui;
Por causa de ti ingrata,
Já tão cedo me perdi!!

Mas seinda um riso me déra
N'esse labios cor d'aur ora.
Inda outra vez me perdera,
Como me perdi outr'ora!
Inda viras os meus olhos
Beber o fogo dos teus!
Inda me viras na terra
Gosar encantos dos céos!!

Ah! vai... vai q'esses teus olhos
Inda me podem perder;
São tão lindos, tão mimosos,
Que eu tenho medo que possam,
Inda outra vez me prender!!
Ah! vai.. vai, que nos teus olhos,
Eu nelles não creio não:
Creio só na natureza
Que lhe deu tanta belleza,
Como tens de falsidade
No volvel coração!!!...
Mas... nos sorrisos traidores...
No palpitar do teu seio...
Nos vãos protestos d'amores...
De teus labios... não! não creio!!!...

Rio de Janeiro) 11 de Abril de 1859.

NICOLAO VICENTE PEREIRA.

O circulo.

O circulo não é unicamente o symbolo da eternidade; é tambem algumas vezes o da igualdade.

Os antigos para não mostrarem que davam preferencia alguma ás pessoas e mesmo aos deuses e aos seus amigos escreviam os seus nomes em um circulo; desta maneira não assignallando-lhes lugar, não se podia dizer quem era o primeiro ou o ultimo no grão de sua estima.

Para elles todos eram iguaes.

Os gregos escreviam os nomes dos seus sete sabios em um circulo para não determinarem qual d'elles era o mais sabio.

Os romanos escreviam tambem em um circulo o nome de seus escravos para que não se soubesse qual d'elles era o mais estimado e a quem queriam dar a liberdade.

Conta-se que tendo um papa recomendado aos franciscanos que lhe apresentasssem os nomes de tres principaes de sua ordem, a um dos quais tinha de dar a purpura de cardeal, estes escreveram em um circulo os nomes dos tres religiosos mais habilitados do convento assim de que o papa escolhesse o que lhe approuvesse.

A instituição dos cavalheiros da Meza Redonda pode ser citada em apoio d'estes exemplos: foi fundada sobre um principio de igualdade, e a meza era o symbolo.

Nos congressos a meza dos embaixadores é ordinariamente de forma arredondada; parece que com isto se tem por fim evitar tanto quanto possível as distinções notaveis de presidencia.

Ver.

Aos Srs. assignantes.

Incommodos de saude afastaram-nos alguns dias da direcção desta revista, motivo por que não pude este numero ser publicado com a pontualidade que temo-nos esforçado por dar-lhe até então. A causa deste inconveniente julgamos ter cessado e por isso podemos prometter aos Srs. assignantes a maior regularidade nos seguintes numeros.